

# INTERTEXTUALIDADE BÍBLICA EM PERSPECTIVA: IMPLICAÇÕES E DIRETRIZES DE ABORDAGEM

Paulo Alberto Barros Leite<sup>1</sup>  
Elias Brasil de Souza<sup>2</sup>

## Resumo

Esta pesquisa se propõe a estudar a Teoria da Intertextualidade, sua classificação, adoção e o desenvolvimento do termo dentro do campo da pesquisa bíblica, bem como suas implicações hermenêuticas. Ela abordará vários modelos e diretrizes de abordagem intertextual, e os discute à luz de pressupostos hermenêuticos relacionados com uma visão elevada das Escrituras. Almeja-se sistematizar uma proposta de diretrizes de abordagem intertextual para a exegese bíblica e verificar a aplicabilidade da mesma por meio do estudo de três passagens: Apocalipse 20:7-21:8, Jeremias 32:1-33:26 e Mateus 27:1-10.

**Palavras-chave:** Intertextualidade; Hermenêutica; Diretrizes; Apocalipse; Ezequiel.

Editor Científico: **Rodrigo Follis e Flavio Prestes Neto**

Organização Comitê Científico

Double Blind Review pelo SEER/OJS

Received: 25/12/2022

Approved: 05/05/2023

**Como Citar:** LEITE, P. A. B.; DE SOUZA, E. B. intertextualidade bíblica em perspectiva: implicações e diretrizes de abordagem. **Kerygma**, Engenheiro coelho (SP), v. 18, n. 1, p. e1372, 2023. DOI: <https://10.19141/1809-2454.kerygma.v18.n1.pe1372>

<sup>1</sup> Doutorando em Teologia do antigo testamento pela Universidad Adventista Del Plata (Entre Rios, Argentina). Professor de teologia na Faculdade Adventista da Amazônia - FAAMA E-mail: [paulo.unasp@gmail.com](mailto:paulo.unasp@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em teologia pela Andrews University (Michigan, Estados Unidos). Diretor do Biblical Research Institute - BRI, (Estados Unidos). E-mail: [SouzaE@gc.adventist.org](mailto:SouzaE@gc.adventist.org)



# LA INTERTEXTUALIDAD BÍBLICA EN PERSPECTIVA: IMPLICACIONES Y PAUTAS DE APROXIMACIÓN

## Resumen

Esta investigación se propone estudiar la Teoría de la Intertextualidad, su clasificación, adopción y el desarrollo del término dentro del campo de la investigación bíblica, así como sus implicaciones hermenéuticas. Aborda diversos modelos y directrices de aproximación intertextual, y los discute a la luz de presupuestos hermenéuticos relacionados con una visión elevada de la Escritura. El objetivo es sistematizar una propuesta de pautas de aproximación intertextual para la exégesis bíblica y comprobar su aplicabilidad mediante el estudio de tres pasajes: Apocalipsis 20:7-21:8, Jeremías 32:1-33:26 y Mateo 27:1-10.

**Palabras clave:** Intertextualidad; Hermenéutica; Pautas; Apocalipsis; Ezequiel.

# BIBLICAL INTERTEXTUALITY IN PERSPECTIVE: IMPLICATIONS AND APPROACH GUIDELINES

## Abstract

This research aims to study the Theory of Intertextuality, its adoption and the development of the term within the biblical research field, as well as its hermeneutical implications. It addresses several models and guidelines of intertextual approach, and discusses them in the light of hermeneutical assumptions related to a high view of Scripture. It aims to systematize a proposal of guidelines of intertextual approach for biblical exegesis and verify its applicability for biblical exegesis through the study of three passages: Revelation 20:7-21:8, Jeremiah 32:1-33:26 and Matthew 27:1-10.

**Keywords:** Intertextuality; Hermeneutics; Guidelines; Revelation; Ezekiel.

## INTRODUÇÃO

### *A origem do conceito de intertextualidade*

Desde seu surgimento no pós-estruturalismo, a intertextualidade tem sido objeto de estudos e discussões em várias áreas do saber. Como resultado disso, um grande e diversificado volume de



trabalhos têm sido produzidos não apenas no campo de estudos linguísticos e da semiótica, mas também no campo da pesquisa bíblica.

O conceito de Intertextualidade foi cunhado por Julia Kristeva, nos anos 60, ao refletir sobre a noção de dialogismo de Bakhtin (OLIVEIRA, 2010). Kristeva opôs-se à noção estruturalista de que um texto é independente de seus leitores (SPELLMAN, 2012). Ela via o texto não como algo fechado ou uma estrutura fixa, mas eram “[...] entidades fluidas moldadas por fatores contextuais contingentes e, portanto, sempre abertas para a possibilidade de nova transformação” (HAYS *et al.*, 2009, p. xii, tradução livre).<sup>3</sup>

A Intertextualidade é definida como “conexões textuais” (TRASK, 2008, p. 147). Ela pode ter um sentido explícito, quando uma obra literária faz alusão a outra, ou implícito. Nesse segundo caso, todo texto é considerado “um objeto heterogêneo”, que de seu aspecto exterior, fazem parte outros textos que “lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que retoma, a que se alude, ou a que se opõe.” (KOCH, 1991, p. 529-530).

Eslinger (1992, p. 47, tradução livre)<sup>4</sup> observa que “tomada como um livro, a Bíblia está repleta de alusões auto referenciais”, e Spellman (2012) afirma que essa é uma característica orgânica da coleção canônica ampla. O reconhecimento e a averiguação dessas conexões intertextuais nas Escrituras estavam presentes antes mesmo de Bakhtin, nas técnicas hermenêuticas judaicas e cristãs, conforme apresentado por Masotti e Leite (2009).

### ***Categorias e classificação da intertextualidade***

No campo da pesquisa bíblica, a intertextualidade tem sido classificada de diferentes maneiras pelos estudiosos: 1. Eco, intertextualidade dialógica e intertextualidade pós-moderna (MOYISE *apud* PAULIEN, 2014). 2. Mimese, exegese intra-bíblica e alusão intra-bíblica (MILLER, 2011). 3. Exegese, influência, alusão e eco (SOMMER *apud* MILLER, 2011, p. 301). 4. Alusão, eco, intertextualidade, intertexto, intratextualidade, influência poética e traço (FEWELL, 1992). Apenas para citar alguns exemplos.

### ***Relevância para a hermenêutica***

Os estudiosos desse fenômeno nas Escrituras reconhecem que a natureza intertextual da

---

<sup>3</sup> “[...] fluid entities shaped by contingent contextual factors and therefore always open to the possibility of fresh transformations.”

<sup>4</sup> “Taken as a book, the Bible is littered with self-referential allusions.”



trama bíblica se trata também de uma estratégia de composição, que “ajuda a solidificar o contexto canônico na mente do leitor” (SPELLMAN, 2012, p. 215, tradução livre).<sup>5</sup> Essa característica dentro do contexto canônico é hermeneuticamente significativa (SPELLMAN, 2012).

De acordo com Moyise (*apud* PAULIEN, 2014, posição 690, tradução livre)<sup>6</sup> “a tarefa da intertextualidade é explorar como o texto-fonte continua a falar através da nova obra e como a nova obra impele novos significados a partir do texto-fonte”. Steins (*apud* Scheetz, 2011), define o texto principal como *hipertexto* e o texto ao qual ele alude como *hipotexto*. Cole (2014) destaca que para muitos estudiosos, a ênfase intertextual é como uma brisa de ar fresco. Eles vêm nisso um retorno ao estudo da Bíblia como um todo e a consideração do texto bíblico em sua forma final.

### ***Evolução do termo e criticismo canônico***

Paulien (2014) afirma que o emprego de categorias e estratégias da crítica literária por estudiosos do Novo Testamento expandiu a compreensão de intertextualidade. Para Moyise (*apud* PAULIEN, 2014) o termo tem se tornado um rótulo para um grande número de diferentes práticas por parte desses estudiosos com respeito ao uso do AT pelo NT. Provavelmente essa evolução do termo se deve ao fato de que no final da década de 1960 surgiram tanto o pós-estruturalismo, no campo da teoria literária, quanto a crítica canônica, no campo da Teologia do AT (SCHEETZ, 2011). Isso influenciou sensivelmente o estudo do texto bíblico e na forma como ele é compreendido.

No pós-estruturalismo, a intertextualidade foi desenvolvida como uma teoria e não como uma metodologia. Nessa perspectiva, ela é como uma fábrica sem limites de textos que constituem o universo linguístico. Assim, a intenção autoral é abandonada e o texto não é mais a mensagem do Autor-Deus, mas “um espaço multidimensional no qual uma variedade de coisas, nenhuma delas original, se mistura e se choca” (BEAL, 1992, p. 27, tradução livre).<sup>7</sup>

### ***Abordagem sincrônica e diacrônica***

Outro aspecto de grande discussão entre os estudiosos da intertextualidade bíblica está relacionado a como as conexões textuais deveriam ser identificadas e examinadas: sincrônica ou diacrônicamente?

A abordagem sincrônica enfatiza a autonomia do leitor em atribuir significado para as

---

<sup>5</sup> “[...] Help solidify the canonical context in the mind of the reader (contextuality)”

<sup>6</sup> “The task of intertextuality is to explore how the source text continues to speak through the new work and how the new work forces new meanings from the source text”.

<sup>7</sup> “[...] A multi-dimensional space in which a variety of writings, none of them original, blend and clash”.



conexões textuais. Já a abordagem diacrônica, procura descobrir qual texto é anterior e os links específicos no texto que remetam para o texto precursor, e que o autor deseja que os leitores percebam.

No entanto, Hong (2011) alerta para uma confusão terminológica e argumenta que há uma incompatibilidade entre as abordagens sincrônica e diacrônica na investigação bíblica e o conceito de sincrônico e diacrônico de Saussure. Basílio (2004, p. 258) explica que “a linguística sincrônica [descritiva] analisa a língua de um determinado grupo tal como existe em dada época. A linguística diacrônica [histórica] preocupa-se com o desenvolvimento histórico da língua”.

Já na perspectiva do estudo das Escrituras, diacrônico é equivalente a “histórico-crítico”. O estudo sincrônico, por outro lado, indica oposição à perspectiva diacrônica e foco na maneira como o texto é exibido.<sup>8</sup>

### ***Necessidade de esclarecimento e metodologia***

Há muito aspectos em discussão acerca de como a ocorrência da intertextualidade nas Escrituras deveria ser lida e interpretada. Os estudiosos têm chamado a atenção para a necessidade de se estabelecer metodologias para a análise desse fenômeno nas Escrituras.

Hays *et al.* (2009), por exemplo, reconhece que o conceito de intertextualidade precisa de algum esclarecimento, especialmente devido a diversidade em que sua noção é aplicada e na maneira como os referenciais intertextuais são identificados e apresentados (SPELLMAN, 2012). Já Paulien (*apud* KINGLER, 2010) aponta para necessidade de haver um maior consenso nos critérios para avaliar as alusões e para um uso mais consistente de tais critérios. Claassens (2003) argumenta que as conexões entre os textos, vistas e identificadas pelo leitor, não podem ser totalmente aleatórias, mas deveriam ser guiadas pelos sinais no texto.

Como se pode perceber, os parâmetros adotados serão determinantes para o resultado da interpretação bíblica. Diante desses aspectos, quais são as implicações e que diretrizes deveriam ser adotadas na aplicação da intertextualidade à exegese bíblica, tendo em perspectiva uma visão elevada das Escrituras?

---

<sup>8</sup> Para um estudo mais detido das abordagens diacrônica e sincrônica no campo da interpretação bíblica e suas pressuposições, veja, por exemplo: MASOTTI, F. A.; LEITE, P. A. B. A teoria da intertextualidade e as Escrituras: definições e possibilidades. *Kerygma*, Engenheiro Coelho, SP, v. 5, n. 2, p. 90-105, 2º semestre de 2009. Disponível em: < <http://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/201>>. Acesso em: 10 dez. 2012.



## MODELOS DE ABORDAGEM E IMPLICAÇÕES HERMENÊUTICAS

### *Modelos de abordagem intertextual*

Nesse estudo foram considerados alguns exemplos de abordagem da intertextualidade bíblica com o objetivo de identificar algumas tendências nesse estudo e os critérios adotados para identificação e análise. A partir desses exemplos, pretende-se apresentar uma proposta de diretrizes de abordagem intertextual que se coadune com uma visão elevada das Escrituras. Os modelos aqui considerados, seus pressupostos e representantes são apresentados na tabela abaixo:

**Tabela 1:** *Resumo dos exemplos de abordagem intertextual.*

<b>Modelos</b>	<b>Pressuposto</b>	<b>Autor(es)</b>
Intertextualidade de transferência	Leitura literária psicanalista: leitor repete a experiência da narrativa.	Rashkow (1992)
Intertextualidade de texto literário, de texto social e de texto interpretativo	O texto fonte é transformado; um novo texto é produzido ao se processar essa informação antiga.	Penchansky (1992)
Intertextualidade canônica	A intertextualidade reflete um processo de “arranjo” do material do cânon.	Scheetz (2011)
Intertextualidade de interpolação	A relação intertextual é resultado de uma interpolação.	Gunn (1992)
Intertextualidade como produto da crítica literária	As conexões textuais foram formadas para satisfazer a necessidade de uma comunidade.	Sweeney (2010)
Intertextualidade de propósito retórico	Uso do AT pelo NT para fins retóricos.	Moyise (2009)
Leitura alegórica	Discurso alegórico sobre o texto antigo.	Reinmuth (2009)
Leitura modificadora	Os autores do NT modificam o texto do AT, o texto do segundo é indeferido.	Wilk (2009)
Intertextualidade de contexto amplo	Os autores do NT são fiéis ao contexto original do AT ao fazerem citações do mesmo, embora possam dirigir o leitor a um contexto mais amplo da passagem.	Paulien (2014); Davidson (2014).

Já essa outra tabela apresenta, em ordem cronológica de publicação, os diversos critérios que os autores considerados sugerem para identificar as conexões textuais, quer sejam citação, alusão ou eco. Nelas foi possível perceber que vários critérios se repetem ou são apresentados em termos equivalentes, por isso são apresentados em “itálico”.



**Tabela 2:** Resumos dos critérios utilizados na análise da intertextualidade.

Autores	Crítérios
Paulien (1988)	- Familiaridade com determinada literatura; - <i>Evidências internas: Paralelos verbais, temáticos e estruturais;</i> - Evidências externas: O que se pode conhecer do relacionamento do autor: raízes literárias, fontes históricas e demográficas, fontes externas de determinado texto; contexto da obra original.
Hollander (apud Paulien, 1988)	- Verificar a intenção de aludir.
Eslinger (1992)	- Conhecimento histórico-literário precedente.
Beal (1992)	Sugere três questões: - Limites às possibilidades de conexões intertextuais de um texto em particular; - Ideologias que se admite; - Estabelecimento de fronteiras ou consenso crítico das relações intertextuais e à transgressão das mesmas para se descobrir novas relações (análise intertextual de ideologia crítica).
Sommer (1996)	- Verificar se os paralelos verbais não são apenas coincidência; - Observar os termos que aparecem juntos, se isso não é comum, e o número de termos compartilhados; - Padrões estilísticos ou <i>temáticos</i> .
Leung (1997)	- Identificar e esclarecer o tema em seu contexto tradicional; em seguida, dentro do livro e em comparação com alguns intertextos relevantes; e por fim, no contexto geral.
Bass (2009)	- Correspondência linguística e de <i>temas</i> ; - Gênero de ambas as passagens, tema teológico, <i>desenvolvimento</i> temático, similaridades ou diferenças nas <i>estruturas</i> e fatores linguísticos.
Beale (apud Kingler, 2010)	Quatro elementos juntos: <i>Tema</i> , conteúdo, construção específica de palavras e <i>estrutura</i> ; e uma persuasiva explanação do motivo da dependência.
Hays (apud Kingler, 2010)	Para casos de eco: Disponibilidade, volume, recorrência, coerência temática, plausibilidade histórica, história da interpretação e satisfação.
Kingler (2010)	<i>Teoria da relevância e do papel do gênero literário</i> ; contextos literários relacionados; relações de contextos literários estabelecidos pela relevância de um texto exterior para o texto em desenvolvimento.
Miller (2011)	<i>Similaridades verbais</i> , densidade de paralelos, se ocorrem na mesma ordem em ambos os textos e se são distintos exibindo características incomuns que os diferencia.
Thompson (apud Kingler, 2010)	Acordo conceitual, de forma, lugar no evangelho na tradição, motivação comum (racional), dissimilaridade de tradições judaicas e greco-romanas, presença de indicadores dominicais, de indicadores de tradição, de outros ecos dominicais, probabilidade do autor ter conhecido o que é dito, força explicativa.
Paulien (apud Kingler, 2010)	<i>Paralelos verbais, estruturais e temáticos</i> .
Spellman (2012)	Intenção textual autoral, <i>paralelos verbais, temáticos e estruturais</i> .



### ***Implicações e pressupostos hermenêuticos para a análise intertextual***

Conforme muito bem definiu Cole (2014, pos. 270, tradução livre)<sup>9</sup>, o desafio dos intérpretes modernos é que “nossas abordagens precisam ser suficientemente amplas para aceitar uma variedade de métodos que respeitam o texto, mas suficientemente estreitas para rejeitar aqueles que vão contra o peso do próprio texto”.

Por isso, para a formulação de uma proposta de diretrizes para a análise intertextual, foram considerados também alguns dos postulados hermenêuticos de uma visão elevada das Escrituras. Entre eles estão o entendimento de que há unidade e continuidade entre os testamentos e que o AT é a chave para a interpretação do NT (BERKHOF, 1981, p. 141, 143); Que a Bíblia é sua própria intérprete; Que há uma intenção autoral e um significado no texto (FEE & STUART, 2011, p. 24; LOPES, 2004, p. 245, 246) e que o mesmo está intimamente relacionado à sua autoridade (Osborne, 2009, p. 29, 31); A importância do conhecimento da linguística e da análise textual por parte dos intérpretes (BASÍLIO, 2004, p. 272); A necessidade de se observar as condições históricas das passagens relacionadas” (STUART & FEE, 2008, p. 35); Que os autores neotestamentários podem desenvolver uma compreensão implícita mais abrangente dos textos do Antigo Testamento (BEALE, 2014, p. 12)

Têm-se em perspectiva o cânon bíblico e propõe-se que a análise seja feita a partir de uma leitura sincrônica do texto.

### ***Proposta de diretrizes de abordagem***

1. Possuir conhecimento histórico-literário precedente e estar familiarizado com determinada literatura.

2. Verificar as evidências internas:

- a. Observar as similaridades ou diferenciações dos fatores linguísticos; Estar atento ao gênero e a forma literária de ambas as passagens.
- b. Considerar a teoria da relevância e do papel do gênero literário; os contextos literários relacionados e a relevância de um texto exterior para o texto em desenvolvimento.
- c. Verificar os paralelos verbais, temáticos, estruturais e padrões estilísticos.

---

<sup>9</sup> “Our approaches need to be broad enough to accept a variety of methods that respect the text, but narrow enough to reject those that go against the grain of the text itself.”





- d. Observar a densidade dos paralelos verbais, se ocorrem na mesma ordem em ambos os textos e se são distintos exibindo características incomuns que os diferencia; Cuidar com a falácia da paralelomania verbal.
  - e. Verificar se esses quatro elementos aparecem juntos: Tema, conteúdo, construção específica de palavras e estrutura.
  - f. Observar as similaridades ou diferenciações nas estruturas.
  - g. Identificar e esclarecer o tema em seu contexto tradicional; em seguida, dentro do livro e em comparação com alguns intertextos relevantes; e por fim, no contexto geral.
3. Verificar as evidências externas:
- a. O que se pode conhecer do relacionamento do autor: raízes literárias, fontes históricas e demográficas, fontes externas de determinado texto;
  - b. Contexto da obra original.
  - c. Probabilidade de o autor ter conhecido o que é dito.
4. Verificar a intenção textual autoral, isto é, a intenção de aludir.
5. Verificar se há uma explanação persuasiva do motivo da dependência.
6. Verificar a força explicativa, isto é, a contribuição do *hipotexto* para a compreensão do texto onde o intertexto ocorre.
7. Para casos de eco: Verificar a disponibilidade, volume, recorrência, coerência temática, plausibilidade histórica, história da interpretação e satisfação.

### **VERIFICAÇÃO DA PROPOSTA DE ABORDAGEM INTERTEXTUAL**

Para verificar a viabilidade da proposta apresentada acima, ela foi testada por meio do estudo de Apocalipse 20:7-21:8. Em futuros estudos, também sugerimos que se faça uso de Jeremias 32:1-33:26 e Mateus 27:1-10 para tal verificação.

#### ***Análise do texto conforme as diretrizes de abordagem propostas:***

1. *Possuir conhecimento histórico-literário precedente e estar familiarizado com determinada literatura.*

O conhecimento da literatura profética possibilitou que fossem identificados alguns termos que são comuns às estipulações da aliança. Tanto o livro de Ezequiel quanto o de Apocalipse fazem parte da literatura profética. Ezequiel teve o seu ministério durante o período do cativeiro Babilônico



e, aparentemente os capítulos 38 e 39 estão relacionado ao contexto maior dos oráculos contra as nações (Ez 25 a 39). Já Apocalipse 20:7-10 faz parte da seção maior do livro dedicada a explanação da vitória de Deus sobre Babilônia (18:1 a 19:10) e do processo de julgamento que ocorre em fases (19:11-21 a 20:15).

**Verificar as evidências internas:**

*A. Observar as similaridades ou diferenciações dos fatores linguísticos; Observar o gênero e a forma de ambas as passagens:*

Em Apocalipse 20:7-21:8, o gênero literário é profecia apocalíptica e a forma literária é apocalíptica. Já em Ezequiel 38 e 39, o gênero literário é proto-apocalíptico e a forma literária é do discurso do mensageiro.

*B. Considerar a teoria da relevância e do papel do gênero literário; Os contextos literários relacionados e a relevância de um texto exterior para o texto em desenvolvimento.*

Os gêneros literários de ambas as passagens estão relacionados. O hipertexto (Apocalipse 20:7-10) descreve as nações que Satanás reúne dos quatro cantos da Terra sob o título de Gogue e Magogue. Assim, Gogue e Magogue representam o incontável exército de inimigos em batalha contra os cristãos, descritos como “os santos do Altíssimo e a cidade querida” (Ap 20:9). Esse inimigo afinal é destruído.

Em Ezequiel 38 e 39, Gogue é apresentada como a terra de Magogue, “príncipe e chefe de Meseque e de Tubal” (Ez 38:2). Ele é descrito como tendo reunido também multidões, um grande exército (Ez 38:4, 7, 8, 12, etc.). (Ez 39:27-29). Ambas as passagens são anúncios de um juízo executado pelo próprio Deus.

*C. Verificar os paralelos verbais, temáticos, estruturais e padrões estilísticos:*



Tabela 3: Paralelos verbais.

Termo	Passagem	Nº de ocorrências	Termo	Passagem	Nº de ocorrências
Gogue, pronome “deles” (“o sedutor deles”)	Ap 20:8,10	2	Gogue	Ez 38:2, 3, 14, 16, 18; 39:1 (2 vz), 11 (3 vz), 15.	11
Magogue, pronome “deles” (“o sedutor deles”)	Ap 20:8,10	2	Magogue	Ez 38:2; 39:6.	2
Quatro cantos da Terra	Ap 20:8	1	Persas, Etíopes, os de Pute, Gômer, Bete-Togarma, virá do norte, os que habitam nas terras do mar	Ez 38:5,6,15; 39:	3
Como a areia do mar	Ap 20:8	1	Grande multidão, muitos povos, multidão, povo, povos, multidões, bando, nuvem que cobre a terra, grande multidão, poderoso exército	Ez 38:4, 7, 6, 8, 9 (2 vz), 12, 13, 15, 22; 39:4,11 (2 vz), 15 (3 vz).	16
Reunir	Ap 20:8	1	Congregou, ajuntaste	Ez 38:8, 12,13.	3
Marcharam (vocábulo militar)	Ap 20:9	1	Exército, guarda, tropas	Ez 38:4, 7, 9, 22; 39:4	5
Marcharam (movimento), Sitiaram	Ap 20:9	1	Subirás, virás, subirei	Ez 38:9 (2 vz),11, 16	4
Peleja	Ap 20:8	1	“Virás como tempestade”, “conceberás mau desígnio”, “subirei contra a terra das aldeias”.	Ez 38:9, 10 e 11.	3
Acampamento dos santos			Quando o meu povo habitar seguro	Ez 38:14	1
Fogo do céu	Ap 20:9	1	Brasume do meu furor	Ez 38:19; 39:6	2
Lago de fogo e enxofre	Ap 20:10	1	Fogo e enxofre	Ez 38:22	1
Trono, abriram-se os livros, julgados (2 vz)	Ap 20:11-15	2	Juízo, tiver executado	Ez 39:21	1



“Eles serão povos de Deus”; “Eu lhe serei Deus, e ele me será filho”.	Ap 21:3, 7	1	Saberão que eu sou o Senhor, seu Deus.	Ez 39:25-29	1
---	------------	---	--	-------------	---

A tabela abaixo relaciona o estudo de alguns dos termos destacados nos paralelos verbais e que são mais relevantes para o propósito desse trabalho. Essas informações foram obtidas a partir do *Bible Works 7*.

**Tabela 4:** Estudo de Termos.

Termo em Apocalipse	Original Grego NT	Análise Léxica	Ocorrências no NT	Equivalente em Ezequiel		
				Termo	Hebrew (WTT)	LXX (BGT)
Gogue	Γωγ (gōg)	Sub. Proprio Acus. Masc. Sing.	1	Gogue	גֹּג (gōg)	Γωγ (gōg)
Magogue	Μαγωγ (magōg)	Sub. Proprio Acus. Masc. Sing.	1	Magogue	מַגּוּג (magōg)	Μαγωγ (magōg)
reunir	συναγαγεῖν (sunagagein)	Verbo infinitivo ativo aoristo	62	Congregou - Ajuntaste	מְקַבְּצֵת (m <sup>e</sup> qûbe-set)	συνηγμένων (sunēg-menōn)
Fogo do céu	πῦρ (pur)	Subs. Nom. Neutro Sing.	74	Brasume do meu furor	בְּאֵשׁ עֲבָרָתִי (b <sup>e</sup> eš- 'eb <sup>e</sup> ratī)	πυρὶ τῆς ὀργῆς μου (puri tēs orgēs mou)
e enxofre	θεῖον (Theion)	Subs. Nom. Neutro Sing.	7	enxofre	גַּפְרִית (gāp <sup>e</sup> rīt)	θεῖον (Theion)

“Gogue” e “Magogue” não são comuns nas Escrituras. Com exceção das ocorrências nos capítulos 38 e 39 de Ezequiel e Apocalipse 20, “Gogue”, um substantivo próprio cujo significado está relacionado a montanha, ocorre apenas uma vez em I Crônicas 5:4 na genealogia de Rúben, o primogênito de Israel. Já “Magogue”, cujo significado é “terra de



Deus”, ocorre em outros dois momentos: em Gênesis 10:2 e em I Crônicas 1:5, como um dos filhos de Jafé, filho de Noé.

**Tabela 5:** Paralelos temáticos.

Apocalipse 20:7-21:8	Ezequiel 38 e 39
Satanás reúne as nações para a batalha contra o “arraial dos santos”. Essas nações reunidas são chamadas de Gogue e Magogue. Esse exército numeroso vem dos quatro cantos da terra.	Gogue, da terra de Magogue, reúne um grande exército constituído de vários povos e nações para batalha contra Israel.
Destruição desse exército pelo fogo, e seu líder, por fogo e enxofre.	Fogo e enxofre consome o exército de Gogue;
Não haverá mais luto, nem pranto, nem dor...	Povo de Israel queimam as armas dos inimigos
Em seguida, apresenta-se uma cena de julgamento.	O evento figura como um dia de juízo
Descrição de um relacionamento de Aliança.	Promessa de restauração do relacionamento de Aliança.

**Tabela 6:** Paralelos Estruturais.

Em Apocalipse 20:7-21:8 (Descrição profética da derrota de Satanás)	Em Ezequiel 38 e 39 (Descrição profética da derrota de Gogue)
A - Satanás reúne nações inumeráveis (Gogue e Magogue) para a batalha contra os santos do Altíssimo. 20:7-9.	A - Gogue reúne uma grande multidão contra Israel. 38:1-16.
B - Eles são destruídos pelo fogo que desce do céu. Satanás é lançado no lago de fogo e enxofre. 20:9 e 10.	B - Gogue e seu exército será destruído pelo Senhor com, além de outras coisas, <i>fogo e enxofre</i> , que o Senhor fará cair sobre eles. Gogue será sepultado em Israel. 38:17-39:16.
C - Ocorre um juízo, e os não achados no livro da vida sofrem a mesma condenação de Satanás. 20:11-15.	C - Essas e outras ações evidenciam o juízo do Senhor sobre as nações. 39:17-21.
D - Descrição de um novo céu e de uma nova terra: evidências da restauração do relacionamento de aliança, onde permanecem apenas as coisas boas.	D - Restauração de Israel à sua terra e renovação da aliança; Isso é evidenciado pelo fato de que habitarão seguros, sem que ninguém os espante. 39:22-29.

*D. Observar a densidade dos paralelos verbais: se ocorrem na mesma ordem em ambos os textos; se isso não é comum ou se são distintos exibindo características incomuns que os diferencia; Cuidar com a falácia da paralelomania verbal.*

Pode-se perceber que o número de paralelos é bem extenso e que em sua maioria, ocorrem



na mesma ordem. Sendo também que os termos são raros e que o gênero e a forma literária onde esses termos aparecem em Gênesis 10:2 e em I Crônicas 1:5 e 5:4 difere de sua ocorrência em Apocalipse, é provável que o relato de Apocalipse esteja relacionado ao de Ezequiel, no qual entre outras semelhanças, ocorre a de contexto, de gênero e forma. Parece haver suficiente evidência de que os paralelos são legítimos.

A maioria dos aspectos do texto parece demonstrar semelhanças, mas observa-se também elementos diferentes de um para outro texto. Por exemplo: Em Ezequiel não há menção de “sedução” ou “engano” no ato de reunir os povos, e eles vem do Norte (Ez 38:15; 39:2), já em Apocalipse eles vem dos 4 cantos da terra (Ap 20:8); Essa ação é creditada a Deus em Ezequiel, enquanto em Apocalipse é de origem satânica.

*E. Verificar se esses quatro elementos aparecem juntos: Tema, conteúdo, construção específica de palavras e estrutura.*

Como demonstrado acima nas tabelas 3, 5 e 6, esses elementos ocorrem juntos nas comparações dos textos.

*F. Observar as similaridades ou diferenciações nas estruturas.*

As similaridades nas estruturas já puderam ser notadas acima. Observa-se, contudo, uma pequena diferenciação: No Apocalipse ocorre a menção de juízo antes e depois que o exército inimigo que vem pelejar contra a cidade (Ap 20:4, 11-15). Já em Ezequiel, a própria destruição do exército inimigo é apresentada como sendo o juízo de Deus sobre as nações (Ez 39:21).

*G. Identificar e esclarecer o tema em seu contexto tradicional; em seguida, dentro do livro e em comparação com alguns intertextos relevantes; e por fim, no contexto geral.*

Em Apocalipse 20 o tema da derrota de Satanás é apresentado como o clímax do juízo de Deus, que é acompanhado também pela derrota da besta, do falso profeta, da morte e do inferno. Todos exterminados no lago de fogo e de enxofre.

A seção de Apocalipse 20:7-21:8 parece estar relacionada ao capítulo 19:11-21 que descreve a vitória de Cristo sobre a besta e o falso profeta que são lançados no “lago de fogo que arde com enxofre” (Ap 19:20). A batalha do capítulo 20:7-10 parece ser uma recapitulação da batalha de 19:11-21. Essas duas seções compartilham vários intertextos: 1. “exércitos”, “congregados” (Ap 19:19); “nações reunidas para a peleja” (Ap 20:8); 2. “a besta e o falso profeta seduziram as nações” (Ap 19:20); “Satanás sairá a seduzir as nações” (Ap 20:8).



Além disso, Apocalipse 19 e 21 parecem relacionar ainda mais o texto de Apocalipse ao de Ezequiel. Apocalipse 19:17-18 descreve a destruição do inimigo em figuras marcantes. Ali um anjo convida as aves do céu para a "ceia de Deus" para que comam a carne de reis, comandantes e poderosos, etc. Em Ezequiel 39:4, 17-21 essa cena também ocorre e é chamada de "meu sacrifício". Há uma exceção para o convite do anjo que aqui em Ezequiel é feito pelo próprio profeta. O texto de 21:1-8 descreve aspectos da restauração da aliança, à semelhança de Ezequiel 39:22-29 (compare com Lv 26:44; Ex 25:8; Ez 28:26; Zc 8:8; 2 Co 6:16).

### **VERIFICAR AS EVIDÊNCIAS EXTERNAS:**

- A. *O que se pode conhecer do relacionamento do autor: raízes literárias, fontes históricas e demográficas, fontes externas de determinado texto.*
- B. *Contexto da obra original.*
- C. *Probabilidade de o autor ter conhecido o que é dito.*

O livro de Apocalipse foi escrito por João (Ap 1:4,9; 22:8) e enviado para sete igrejas na província romana da Ásia, em algum momento entre 69 e 96 d. C. João recebeu as visões na ilha de Patmos, no mar Egeu, onde havia sido exilado pela ação repressiva das autoridades contra os cristãos na província da Ásia.

Já Ezequiel, autor do livro que leva o seu nome, era membro da família sacerdotal (Ez 1:3) e um dos exilados levados à Babilônia em 597 a. C. (BRUCE, 2009b). Sendo assim, tanto é possível quanto é provável que seus escritos tenham sido então conhecidos por João, tornando possível a utilização de suas imagens na composição do Apocalipse.

### **VERIFICAR A INTENÇÃO TEXTUAL AUTORA**

Com base na densidade, semelhança e ordem dos paralelos apresentados acima, nos aspectos literários, bem como na raridade de ocorrência dos termos "Gogue e Magogue" nas Escrituras, entende-se que João, o autor de Apocalipse, tenha tido a intenção de aludir ao livro de Ezequiel e provavelmente possa ser considerada como uma estratégia de composição.

### **VERIFICAR SE HÁ UMA EXPLANAÇÃO PERSUASIVA DO MOTIVO DA DEPENDÊNCIA**

Com base nos dados já reunidos e descritos, considera-se que os elementos que sugerem a dependência de Apocalipse 20:7-21:8 sobre o livro de Ezequiel 38 e 39 tenham sido apresentados de



forma suficiente. Em poucas palavras: O fato de que o material estava disponível para João, a ocorrência de paralelos verbais raros, bem como de paralelos temáticos e estruturais, parecem evidenciar a utilização desse material na composição do Apocalipse, especialmente considerando sua natureza simbólica.

### **VERIFICAR A FORÇA EXPLICATIVA**

Em circunstâncias ameaçadoras que envolviam perseguição e risco de aniquilação da igreja cristã, a descrição profética da vitória final de Deus sobre o exército inimigo, reunido e liderado pelo próprio Satanás, certamente traria força ao propósito do Apocalipse de revelar o fim e dar aos cristãos uma mensagem de esperança.

As alusões ao texto do profeta Ezequiel dirigem a mente dos leitores do Apocalipse à vitória de Deus sobre Gogue e a multidão do exército que ele reuniu (Ez 38 e 39). Isso fortalece a mensagem que Deus deu a João: ainda que o número dos inimigos fosse incontável, assim como fez com Gogue e seu exército, Deus trará o juízo sobre eles, os inimigos da igreja. A besta, o falso profeta, a morte, o inferno, Satanás e suas hostes serão afinal destruídos com fogo e enxofre. Deus fará novas todas as coisas e o relacionamento de aliança de Deus com seu povo será restaurado. A vitória no passado garante a vitória no futuro.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O emprego dos estudos linguísticos no campo da pesquisa bíblica tem oferecido importantes contribuições. Este trabalho considerou em particular a Intertextualidade. Contudo, como foi possível notar, há ainda muitas discussões envolvendo a adoção dessa teoria e/ou metodologia na prática da exegese bíblica, o que apontou para a necessidade da sistematização de uma metodologia, já que o processo pode determinar a compreensão do texto.

Diante dessa necessidade, essa pesquisa listou vários modelos e critérios com os quais a Intertextualidade tem sido adotada pela hermenêutica bíblica. A variação e diversidade dos mesmos fez com que fosse necessário compará-los com os pressupostos hermenêuticos, já que o propósito desse estudo era sistematizar uma proposta de diretrizes que possibilitasse o exercício de uma exegese que considere a riqueza da intertextualidade bíblica e que ao mesmo tempo esteja alinhada com uma visão elevada das Escrituras.

Essa proposta de diretrizes de abordagem da intertextualidade bíblica foi testada no estudo de três passagens e verificou-se que ela pode se tornar um guia útil, dentro dos parâmetros aqui





considerados. Ela ofereceu sensível ampliação do horizonte para a interpretação das passagens consideradas.

O exame de novas passagens poderá dar continuidade à verificação da aplicabilidade dessa proposta, podendo apontar para a necessidade de adequação e ajustes na mesma. Espera-se, contudo, que esse trabalho possa estimular novos estudos e que através dos mesmos uma linha de parâmetros e diretrizes cada vez mais adequada seja apontada.

## REFERÊNCIAS

ALAND, B.; ALAND, K.; KARAVIDOPOULOS, J.; MARTINI, C. M.; METZGER, B. M. (Orgs.). **The Greek New Testament**: Fourth Revised Edition. Stuttgart, BW: Deutsche Bibelgesellschaft e United Bible Societies, 2001.

BASÍLIO, R. Apêndice: A Linguística e a Hermenêutica Bíblica: Diálogo e Desafios para o Interpretador do Século 21. In LOPES, Augustus N. **A Bíblia e seus intérpretes**: Uma breve história da interpretação. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

BASS, D. D. **Hosea's use of Scripture: An analysis of his hermeneutics**. Louisville, 2009. 327f. Dissertation (Ph. D.). Microform Edition UMI (Order No. 3380811) - The Southern Baptist Theological Seminary, Ann Arbor, 2009.

BEAL, T. K. Ideology and Intertextuality: Surplus of Meaning and Controlling the Means of Production. Em: FEWELL, D. N. (Ed.). **Reading Between Texts**: Intertextuality and the Hebrew Bible. Louisville, KY: Westminster/John Knox Press, 1992.

BEALE, G. K. **O uso do Antigo Testamento no Novo Testamento e suas implicações hermenêuticas**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

BERKHOF, L. **Princípios de interpretação bíblica**. 2. ed. Rio de Janeiro: JUERP - Junta de Educação Religiosa e de Publicações, 1981.

BRUCE, F. F. Apocalipse. In BRUCE, F. F. (Ed.). **Comentário bíblico NVI**: Antigo e Novo Testamento. São Paulo: Vida, 2009a.

\_\_\_\_\_. Ezequiel. In BRUCE, F. F. (Ed.). **Comentário bíblico NVI**: Antigo e Novo Testamento. São Paulo: Vida, 2009b.

CLAASSENS, L. J. M. Biblical Theology as Dialogue: Continuing the Conversation on Mikhail Bakhtin and Biblical Theology. **Journal of Biblical Literature**. Spring, v. 122, nº1, p. 127-144, 2003.

COLE, H. R. The Pros and Cons of Intertextuality. Em: COLE, R.; PETERSEN, P. (Ed.). **Hermeneutics, Intertextuality and the Contemporary Meaning of Scripture**. Cooranbong: Avondale Academic Press, ebook, 2014, Kindle Edition.



Davidson, R. M. Did Matthew 'Twist' the Scripture? A Case Study in the New Testament Use of the Old Testament. Em: COLE, R.; PETERSEN, P. (Ed.). **Hermeneutics, Intertextuality and the Contemporary Meaning of Scripture**. Cooranbong: Avondale Academic Press, ebook, 2014, Kindle Edition.

ESLINGER, Lyle. Inner Biblical Exegesis and Inner-Biblical Allusion: The Question of Category. **Vetus Testamentum**, Calgary, v. 42, n. 1, p. 47-58, 1992.

FEE, G. D., STUART, D. **Entendes o que lêes**: um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2011.

FEWELL, D. N. Introduction: Writing, Reading, and Relating. In FEWELL, D. N. (Ed.). **Reading Between Texts: Intertextuality and the Hebrew Bible**. Louisville, KY: Westminster/John Knox Press, 1992.

GUNN, D. M. Samson of Sorrows: An Isaianic Gloss on Judges 13-26. Em: FEWELL, D. N. (Ed.). **Reading Between Texts: Intertextuality and the Hebrew Bible**. Louisville, KY: Westminster/John Knox Press, 1992.

HAYS, R. B. Foreword to the English Edition. HAYS, R. B.; ALKIER, S.; HUIZENGA, L. A. (Ed.). **Reading the Bible Intertextually**. Waco, TX: Baylor University Press, 2009.

HONG, K.P. **Towards the hermeneutics of responsibility**: A linguistic, literary, and historical reading of Genesis 28:10-22. Claremont, 2011. 415f. Dissertation (Ph. D.). Microform Edition ProQuest (Order No. 3473191) – Faculty of Religion, The Claremont Graduate University, Ann Arbor, 2011.

HUBBARD, D. A.; BARKER, G. W. (Eds.). **Word Biblical Commentary: 2 Samuel**. Dallas, TX: Word Books, v. 11, 1989.

KINGLER, D.R. **Validity in the identification and interpretation of a literary allusion in the Hebrew Bible**. Dallas, 2010. 269f. Dissertation (Ph. D.). Microform Edition ProQuest (Order No. 3415850) - Faculty of the Department of Old Testament Studies, Dallas Theological Seminary, Ann Arbor, 2010.

KOCH, I. G. V. Intertextualidade e Polifonia, um só fenômeno? In KATO, M. A. (ed.). **DELTA** (Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada), São Paulo: Departamento de Linguística – PUCSP, v. 7, n. 2, 1991.

LEITE, P. A. B.; MASOTTI, F. A. A teoria da intertextualidade e as Escrituras II: averiguação intertextual de Zacarias 7:1-8:23. **Kerygma**, Engenheiro Coelho, SP, v. 6, n. 1, p. 17-91, 1º semestre de 2010. Disponível em: < <http://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/187>>. Acesso em: 24 jul. 2015.

LEUNG, K.K. **An intertextual study of the motif-complex "ym yhvh" in the Book of Joel**. Pesadena, 1997. 289f. Dissertation (Ph. D. In Old Testament). Microform Edition UMI (Order No. 9724602) – Faculty of the School of Theology, Fuller Theological Seminary, School of Theology, Ann Arbor, 1997.

MASOTTI, F. A.; LEITE, P. A. B. A teoria da intertextualidade e as Escrituras: definições e possibilidades. **Kerygma**, Engenheiro Coelho, SP, v. 5, n. 2, p. 63-119, 2º semestre de 2009. Disponível em: < <http://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/201>>. Acesso em: 10 dez. 2012.

METZGER, B. M.; HUBBARD, D. A.; BARKER, G. W. (Ed.). **Word Biblical Commentary: Revelation 17–22**. Dallas, TX: Word Books Publisher, edição eletrônica, 1998a, v. 52c. Logos Bible Software.



MILLER, G. D. Intertextuality in Old Testament Research. **Currents in Biblical Research**. St. Louis, v. 9, n. 3, p. 283-309, 2011.

MOYISE, S. Authorial Intention and the Book of Revelation. In **Andrews University Seminary Studies**, Spring 2001, v. 39, No. 1, 35-40.

\_\_\_\_\_. Intertextuality and Historical Approaches to the Use of Scripture in the New Testament. Em: HAYS, R. B.; ALKIER, S.; HUIZENGA, L. A. (Ed.). **Reading the Bible Intertextually**. Waco, TX: Baylor University Press, 2009.

OLIVEIRA, T. C. S. A. **Os bezerros de Arão e Jeroboão**: Uma verificação da relação intertextual entre Êxodo 32:1-6 e 1 Reis 12:26-33. Rio de Janeiro, 2010. 141f. Tese (Doutorado em Teologia). Centro de Teologia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica - PUC, Rio de Janeiro, 2010.

OSBORNE, G. R. **A espiral hermenêutica**: uma nova abordagem à interpretação bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2009.

PAULIEN, J. **Decoding Revelations Trumpets**: Literary Allusions and Interpretation of Revelation 8:7-12. Andrews University Seminary Doctoral Dissertation Series 11. Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1988. Pp. xii + 497.

\_\_\_\_\_. Elusive Allusions: The Problematic Use of the Old Testament Revelation. **Biblical Research**. Silver Spring, v. 33, p. 37-53, 1988.

\_\_\_\_\_. New Testament Use of the Old Testament. Em: COLE, R.; PETERSEN, P. (Ed.). **Hermeneutics, Intertextuality and the Contemporary Meaning of Scripture**. Cooranbong: Avondale Academic Press, ebook, 2014, Kindle Edition.

PENCHANSKY, D. Staying the Night: Intertextuality in Genesis and Judges. Em: FEWELL, D. N. (Ed.). **Reading Between Texts**: Intertextuality and the Hebrew Bible. Louisville, KY: Westminster/John Knox Press, 1992.

RASHKOW, I. N. Intertextuality, Transference, and the Reader in/of Genesis 12 and 20. Em: FEWELL, D. N. (Ed.). **Reading Between Texts**: Intertextuality and the Hebrew Bible. Louisville, KY: Westminster/John Knox Press, 1992.

REINMUTH, E. Allegorical Reading and Intertextuality: Narrative Abbreviations of the Adam Story in Paul (Romans 1:18-28). Em: HAYS, R. B.; ALKIER, S.; HUIZENGA, L. A. (Ed.). **Reading the Bible Intertextually**. Waco, TX: Baylor University Press, 2009.

SCHEETZ, J. M. **The Concept of Canonical Intertextuality and the Book of Daniel**. Eugene, OR: Pickwick Publications, 2011.

SOMMER, B. D. Exegesis, Allusion and Intertextuality in the Hebrew Bible: A Response to Lyle Eslinger. **Vetus Testamentum**, Evanston, v. 46, n. 4, p. 479-489, 1996.

SPELLMAN, C. **Toward a Canon-Conscious Reading of Scripture: The legitimacy of utilizing the concept of canon as a control on the interpretive task**. Fort Worth, 2012. 378f. Dissertation (Ph. D.). Microform Edition ProQuest (Order No. 3535553) - Southwestern Baptist Theological Seminary, Ann Arbor, 2012.



STUART, D., FEE, G. D. **Manual de exegese bíblica**: Antigo e Novo Testamentos. São Paulo: Vida Nova, 2008.

SWEENEY, M. A. **Form and Intertextuality in Prophetic and Apocalyptic Literature**. Eugene, OR: Wipf & Stock Publishers, 2010.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

WILK, F. Paul as User, Interpreter, and Reader of the Book of Isaiah. Em: HAYS, R. B.; ALKIER, S.; HUIZENGA, L. A. (Ed.). **Reading the Bible Intertextually**. Waco, TX: Baylor University Press, 2009.